



## **A ARTICULAÇÃO EM AGROECOLOGIA DO VALE DO RIO PARDO – AAVRP: UMA DE CONSTRUÇÃO ALTERNATIVA E COLETIVA NA REGIÃO**

*João Paulo Reis Costa<sup>1</sup>*

*Bibiana Barbosa de Souza<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este trabalho pretende fazer um rápido esboço acerca da articulação em agroecologia situando o Vale do Rio Pardo no contexto da fumicultura e toda a dependência que a região tem desse setor. Identificando essa região como marcadamente rural e de predominância da agricultura familiar, justamente onde o setor fumicultor encontra a sua grande fortaleza. Porém, mostraremos que nem só de fumo vive o Vale do Rio Pardo e que mesmo numa região tão marcada pela cultura do tabaco, existe espaço para outras possibilidades produtivas junto a agricultura familiar, o que nesse caso, destacaremos uma ação promovida em outubro de 2013, por 11 entidades da região, que tem em comum o trabalho na perspectiva da Agroecologia, criando assim a Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo – AAVRP. Para isto, fazemos um breve histórico de entidades que vem trabalhando nessa perspectiva a mais de três décadas na região, em especial as entidades de cunho religioso (católica e evangélica luterana), passando pelas demais entidades que compõem a AAVRP. Desta forma, fazemos um histórico de atividades já desenvolvidas pela AAVRP nesses dois anos de existência, propondo pensar as possibilidades e desafios dessa articulação na região do Vale do Rio Pardo, analisando todas as contradições presentes no processo.

**Palavras-Chave:** Agricultura Familiar. Agroecologia. Fumicultura.

**Abstract:** This paper intends to make a quick sketch on the joint in agroecology situating the Vale do Rio Pardo in the context of tobacco growing and all dependence that the region has in this sector. Identifying the region as very rural and predominance of family agriculture, precisely where the tobacco grower sector is its

<sup>1</sup> Doutorando, Mestre em Desenvolvimento Regional, Especialista em História do Brasil e licenciado em História, todos pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul; Pesquisador-membro do Grupo de Pesquisa “Desenvolvimento Regional” – CNPq. Endereço eletrônico: joapauloreiscosta@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Supervisão Educacional pela Universidade Leonardo da Vinci-UNIASSELVI e Pedagoga pela Faculdade Cenecista de Osório-FACOS. Endereço eletrônico: bibiannabs@hotmail.com.



great strength. However, show that not only smoke live the Rio Pardo Valley and that even in a region as marked by the tobacco culture, there is room for other productive possibilities with family farming, which in this case, highlight an action promoted in October 2013 by 11 organizations in the region, which have in common the work from the perspective of Agroecology, thus creating the joint in Agroecology of the Vale do Rio Pardo - AAVRP. For this, a brief historical review of entities that have been working in this perspective for more than three decades in the region, particularly faith-based entities (Lutheran Catholic and Evangelical), through the other entities that make up the AAVRP. In this way, we make an activity history already developed by AAVRP these two years of existence, proposing think the possibilities and challenges of this joint in the Vale do Rio Pardo region, analyzing all the contradictions present in the process.

**Keywords:** Family Farming. Agroecology. Tobacco farming.

## 1 Introdução

Não é incomum, para quem vive no Vale do Rio Pardo, quando em contato com pessoas de outras regiões do estado do RS e até mesmo do Brasil, ao se identificar como oriundo do vale do Rio Pardo ou da região de Santa Cruz do Sul, ser associado diretamente a advir da “região do fumo” ou do lugar que “tem as fumageiras ou ainda ouvir “fumo o cigarro que vocês fazem lá!”. Tamanha é a vinculação do vale do Rio Pardo com a fumicultura e todo seu complexo industrial.

O objetivo deste trabalho é mostrar o quanto de fato, a região é dependente da fumicultura e por isso trazemos uma série de informações a respeito da fumicultura e seus desdobramentos no território, mas é verdade também, que nem só de fumo vive uma região tão heterogênea como o Vale do Rio Pardo.

E aí damos destacamos a AAVRP – Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo, criada em outubro de 2013, sendo formada por 11 entidades das mais diversas áreas, mas que tem em comum, a presença da perspectiva agroecológica nas suas ações ou em segmentos da entidade participante. O que não deixa de ser uma contradição, numa região tão marcada pela fumicultura, que a cada ano despeja milhares de litros de venenos no solo da região, além de todo aparato de fertilizantes sintéticos.



Nessa contradição que a região apresenta, que entidades que trabalham desde a década de 1970 e outras mais novas, na casa dos anos 2000, entenderam a necessidade de criar um espaço de reunião, de partilha, debates e sobretudo, que possibilitasse a construção de uma agenda em comum acerca da Agroecologia. É nessa pluralidade que é criada a AAVRP, envolvendo entidades pastorais, de ensino superior, técnico, cooperativa, associação de agricultores, estudantes. O que obviamente não exclui as diferenças e distinções entre as entidades que a formam e nem tem por objetivo essa premissa, a criação da AAVRP.

Portanto, na região da fumicultura, a Agroecologia vem sendo construída a várias mãos, com passos medidos e dentro das possibilidades que as entidades e pessoas que as formam, têm.

## 2 Situando o Vale do Rio Pardo

O Vale do Rio Pardo<sup>3</sup>, é uma das 28 regiões do estado do Rio Grande do Sul (composto atualmente por 497 municípios) e fica relativamente próxima à capital Porto Alegre, entre 100 e 200 km. Situa-se no centro-leste do estado do RS e possui atualmente cerca de 433.285 habitantes, morando numa área de 13.171,7 km<sup>2</sup>, numa densidade demográfica de 32,1 hab/km<sup>2</sup>, tendo 6,35 % de taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais e uma expectativa de vida ao nascer de 70,58 anos, com um coeficiente de mortalidade infantil de 8,75 por mil nascidos vivos. Quanto ao PIBpm está em R\$ mil 10.769.294, chegando a um PIB per capita de R\$ 25.560, alcançando em exportações totais U\$ FOB 1.983.842.493. (FEE, 2016).

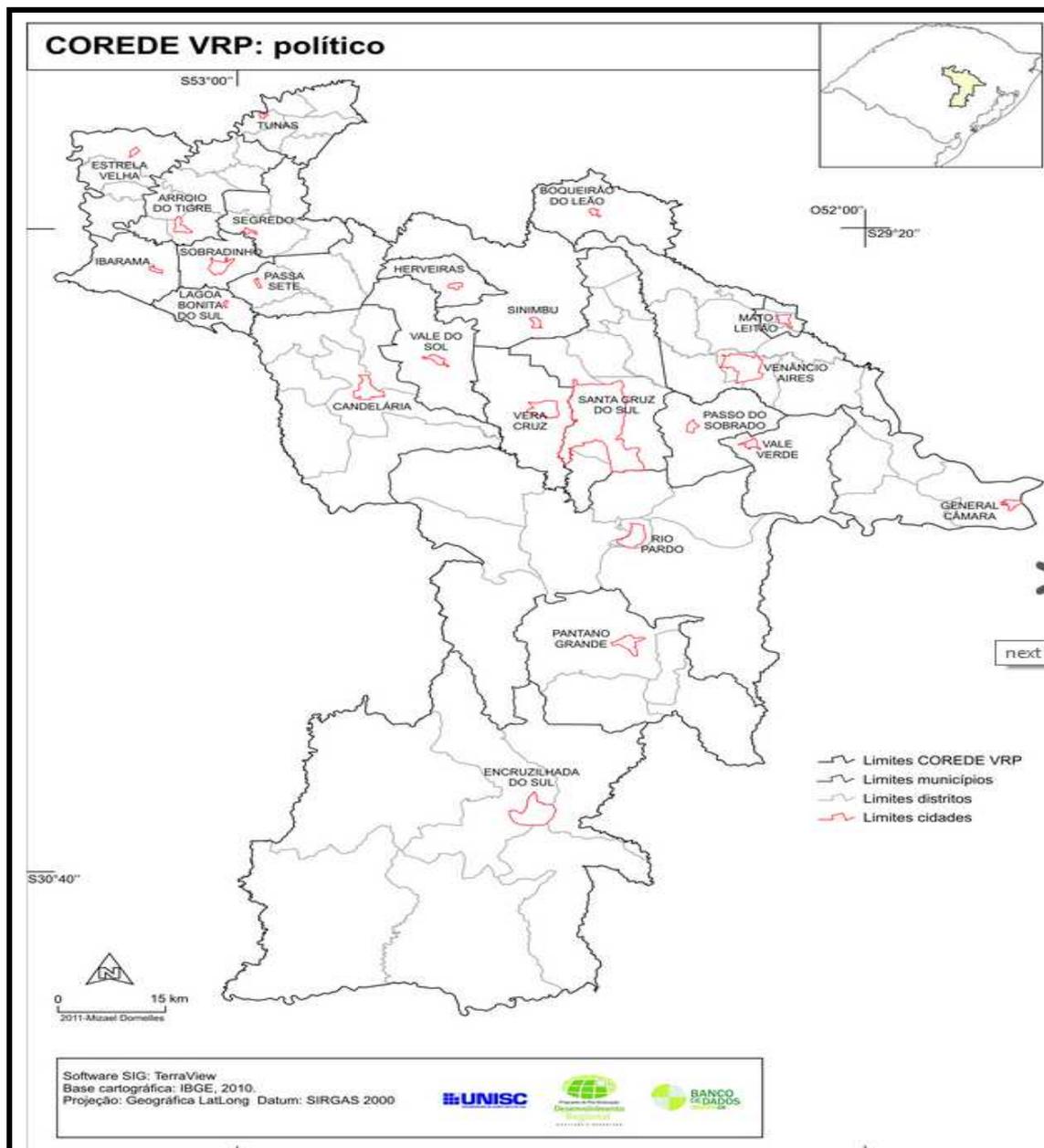
Desta forma, o Vale do Rio Pardo, nesse recorte via COREDE que estamos fazendo, é composto atualmente por 23 municípios, tendo Santa Cruz do Sul como um polo regional, concentrando boa parte dos órgãos de governo estadual e federal e liderando a indústria fumageira, que tem forte presença na economia e no cotidiano regional.

---

<sup>3</sup> Consideraremos o Vale do Rio Pardo, a partir da regionalização do COREDE (Conselho Regional de Desenvolvimento), que atualmente é composto por 23 municípios.



Figura01 – Mapa Político do VRP



Fonte: ObservaDR, 2016.

É uma região com uma diversa matriz populacional, basicamente seguindo os moldes de formação do Brasil e do RS, formada por uma mistura de povos de origens distintas, desde a forte presença histórica indígena, passando pelos portugueses que vão ocupar a região durante o século XVIII, também com a presença de escravos africanos, mais tarde com chegada dos imigrantes



germânicos em meados do século XIX e por fim, com os italianos e outras descendências no fim do século XIX e início do século XX.

Formando na realidade uma cultura, muito peculiar às regiões dos Vales no RS, uma cultura colonial, onde se misturam todas essas matrizes culturais, muito além de uma pretensa hegemônica cultura germânica, assim dando origem a uma

(...) cultura peculiar, que se pode ser denominada de colonial. Ela reuniu e fundiu algumas tradições trazidas por imigrantes alemães de diferentes procedências, metamorfoseou outras e incorporou e modificou traços culturais já existentes no RS. (VOGT, 2004, p. 253).

O Vale do Rio Pardo é uma região que apresenta uma contradição em relação ao seu território, pois a maioria da população vive na zona urbana (55,82%), somando na zona rural (44,18%), números puxados principalmente pelos 7 municípios mais populosos, com mais população urbana: Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Rio Pardo, Sobradinho, Pantano Grande, Encruzilhada do Sul, Candelária e Vera Cruz. Já os outros 15 municípios (Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Passa Sete, Passo do Sobrado, Segredo, Sinimbu, Tunas, Vale do Sol e Vale Verde) apresentam uma população rural maior que a urbana, porém tem um número de habitantes no geral menor que os outros municípios (OBSERVA-DR, 2016).

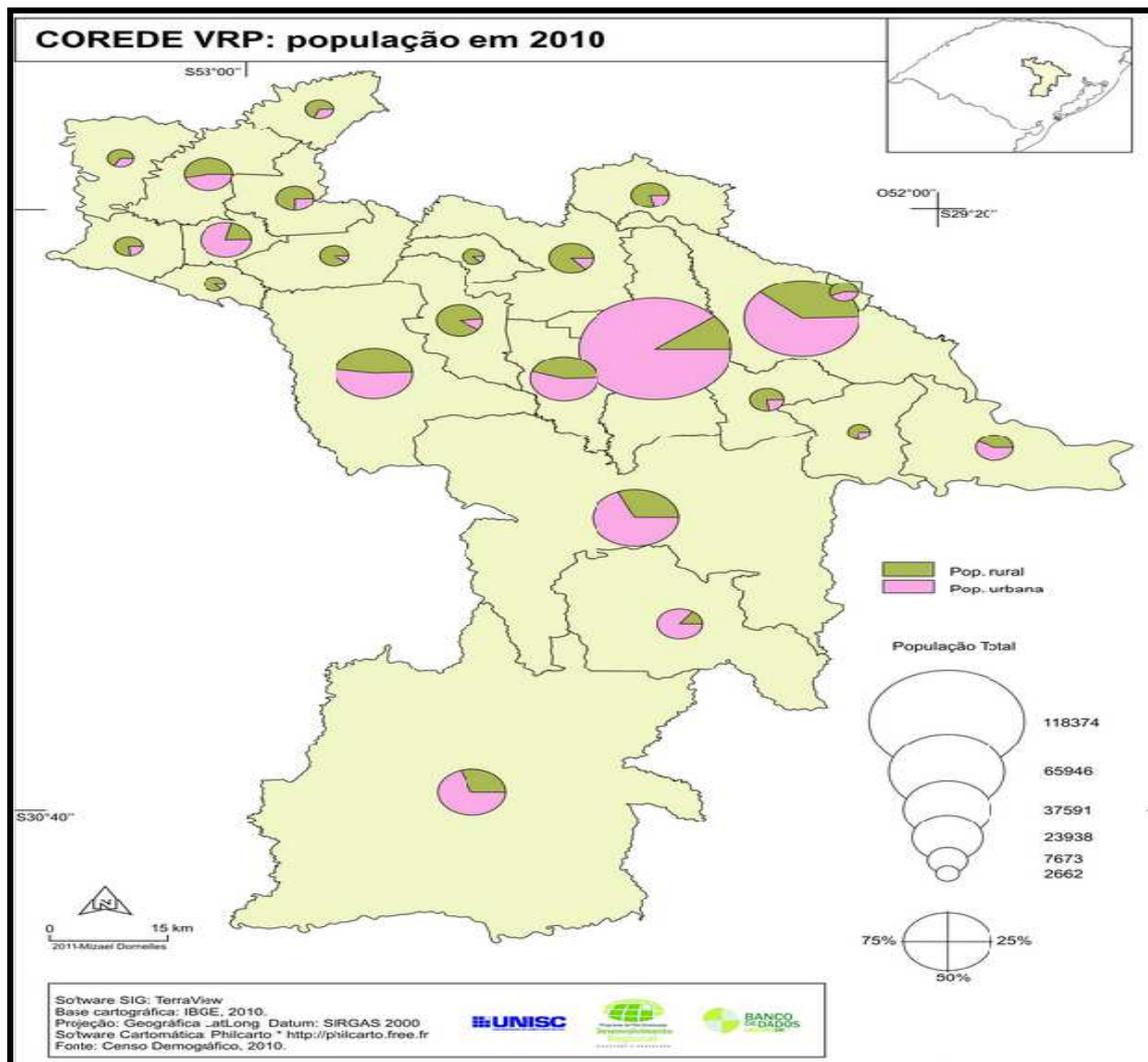
Portanto, é possível afirmar que o VRP, enquanto território, é marcadamente rural e seus municípios são na grande maioria municípios rurais, com uma população menor que 16 mil habitantes em 15, dos 23 municípios (Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Passa Sete, Passo do Sobrado, Segredo, Sinimbu, Tunas, Vale do Sol e Vale Verde). Sendo que praticamente metade da população da região vivem em apenas 3 municípios (Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Rio Pardo).

Sendo assim, a maioria população do Vale do Rio Pardo mora na cidade, porém a região é menos urbana do que aparenta, pois, a grande maioria dos municípios tem características marcadamente rurais, o que faz com que muitos dos seus moradores que vivem no seu perímetro urbano não têm uma vida urbana, concentrando suas atividades no Campo (agricultura e/ou pecuária), de fato,



caracterizando uma vida urbana, apenas nos municípios com maior população. Conforme aponta a figura abaixo:

Figura 02 – A População do VRP em área rural e urbana



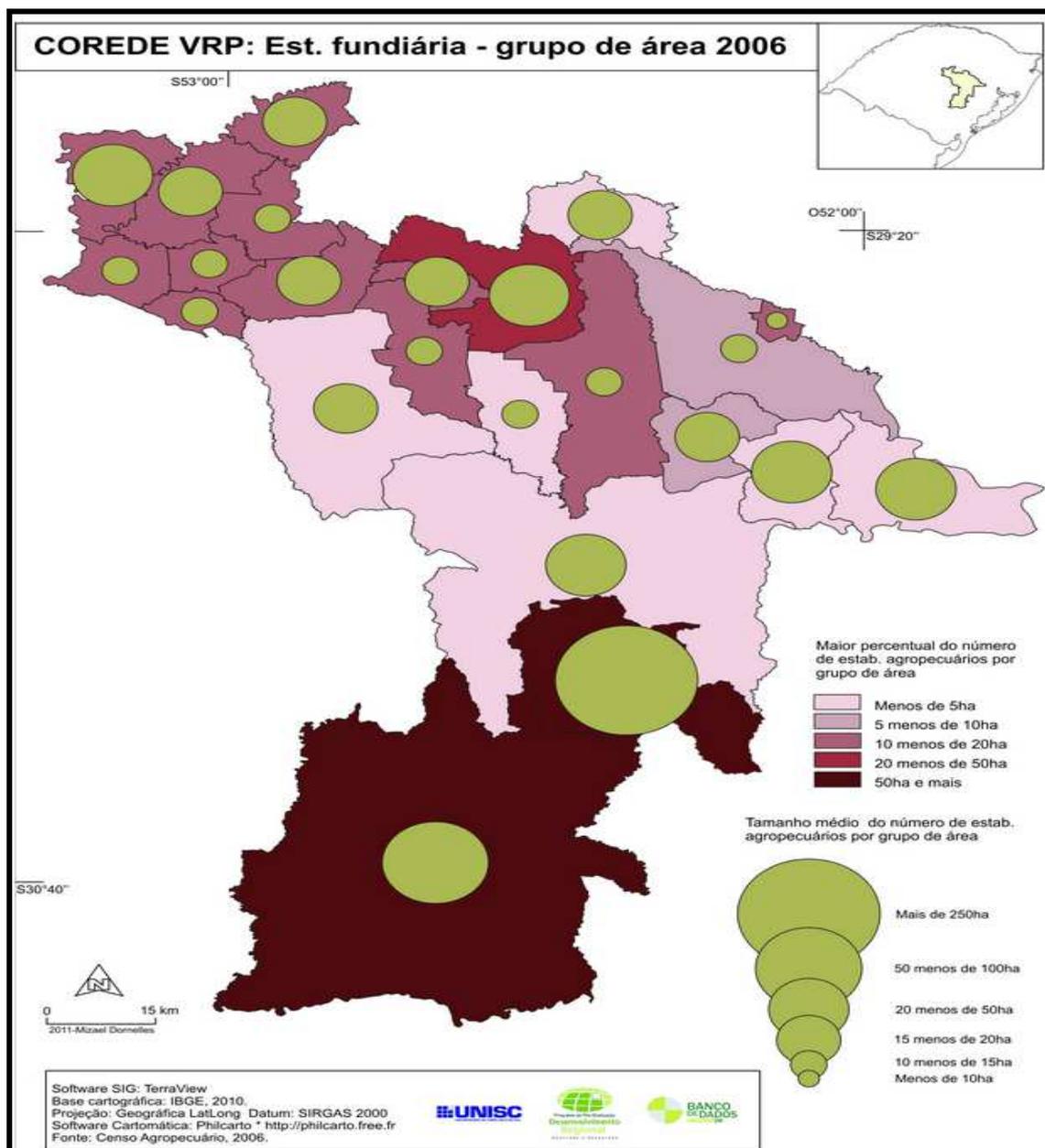
Fonte: ObservaDR (2016).

Logo, é importante pontuar que com essa forte presença da zona rural no território do vale do Rio Pardo, esta é uma região marcada pela grande presença da agricultura familiar, marcada pela presença de pequenas propriedades rurais, basicamente com a maioria das propriedades familiares entre 5 ha e 10 ha. Nesse caso, com forte presença do fumo, justamente por essa cultura ter maiores dificuldade de se estruturar em grandes propriedades (devido a serviço praticamente artesanal e cada vez mais escassa mão de obra...). Apenas com exceção, ao sul do



VRP, com a presença de áreas de terras maiores, o caso de Encruzilhada do Sul e Pantano Grande, com a média de propriedades com mais de 500 ha, municípios estes que já estão em faixa de transição em direção a Campanha gaúcha, origem histórica do latifúndio no RS. Conforme figura 3:

**Figura 03 – Estrutura Fundiária do VRP**



Fonte: ObservaDR (2016).

Assim, caracteriza-se economicamente o Vale do Rio Pardo, pela forte presença da produção e beneficiamento de fumo, o que faz a região figurar entre as regiões que mais produzem tabaco no mundo, fazendo com que a economia dos seus municípios gire em torno da produção de fumo, isso há quase 100 anos da



presença de empresas estrangeiras do setor do fumo. E isso não acontece de balde, pois apesar da produção fumageira estar em quase todas as regiões do RS, é no Vale do Rio Pardo que o complexo fumageiro está instalado basicamente, com a presença física das grandes transnacionais do setor, com suas unidades de recebimento, processamento e fabricação de cigarros (com exceção da Souza Cruz, que tem sua unidade cigareira no município de Cachoeirinha, na região metropolitana de Porto Alegre), principalmente em Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, onde o tabaco *in natura* é beneficiado antes de seguir para a exportação em folha ou de ser transformado em cigarros. Vejamos a concentração das sedes das empresas fumageiras, no VRP:

**Figura 4 – Sedes das empresas fumageiras no VRP**

FUMAGEIRA	MUNICÍPIO - SEDE	REGIÃO	UF
ALLIANCE ONE do Brasil	Venâncio Aires	VRP	RS
ATC	Santa Cruz do Sul	VRP	RS
BRASFUMO	Venâncio Aires	VRP	RS
CHINA Brasil Tabacos	Venâncio Aires	VRP	RS
CTA – Continental	Venâncio Aires	VRP	RS
INDUSTRIAL BOETTCHER de Tabacos	Sinimbu	VRP	RS
INTAB	Vale do Sol	VRP	RS
JTI Kannenberg Comércio de Tabaco	Santa Cruz do Sul	VRP	RS
JTI Processamento de Tabaco	Santa Cruz do Sul	VRP	RS
PHILLIP MORRIS do Brasil	Santa Cruz do Sul	VRP	RS
PREMIUM Tabacos	Santa Cruz do Sul	VRP	RS
SOUZA CRUZ	Santa Cruz do Sul	VRP	RS
Tabacos MARASCA	Venâncio Aires	VRP	RS
TNH	Venâncio Aires	VRP	RS
UNIFUMO	Pouso Redondo	Vale do Itajaí	SC
UNIVERSAL Leaf Tabacos	Santa Cruz do Sul	VRP	RS

Fonte: Elaborada pelos autores com base em informações do site do SINDITABACO. Disponível em: <http://sinditabaco.com.br/>. Acessado em: 15 de set. 2016.

Essa composição que reúne elementos históricos, geográficos e sociais, fez com que o Vale do Rio Pardo se tornasse atualmente a região que mais produz tabaco no Brasil, o que gera uma dependência econômica da região em relação ao setor fumageiro. Que consiste num arranjo produtivo de sistema integrado onde as grandes empresas transnacionais desse setor, detém o controle do processo desde as sementes (variedades desenvolvidas pelas próprias empresas) que são comercializadas junto aos agricultores. Além de todos os insumos e maquinários para a produção do tabaco (fertilizantes sintéticos, agrotóxicos, prensa de enfardar,



tecedeiras e demais insumos). Em muitos casos comercializam a lenha que os agricultores utilizam para a secagem do tabaco. As fumageiras também contratam o frete que vai levar os insumos até as propriedades dos agricultores e também vai transportar o fumo seco, em fardo para a empresa no final do ciclo produtivo.

A produção de tabaco no Brasil ainda confere a continuidade do desenvolvimento de uma agricultura familiar baseada nos princípios formatados pela “Revolução Verde”. O processo de produção do tabaco – do plantio, industrialização e comercialização – é controlado pelas empresas multinacionais. Decisivamente as corporações multinacionais têm um grande impacto na estrutura regional. (KARNOPP e OLIVEIRA, 2012, p. 11).

Toda essa cadeia produtiva é articulada pela equipe de assistência técnica das empresas, que garantem a qualidade e quantidade desejada em determinado ano, levando aos agricultores as orientações e procedimentos de produção do tabaco e que também mediam o negócio entre os agricultores e as empresas, desde o pedido, até a entrega final do fumo, produzido pelos agricultores.

O Vale do Rio Pardo destaca-se com 19,92% de todo o fumo em folha produzido no Brasil (no período de 2008 a 2012). (...). No caso do Vale do Rio Pardo, pode-se destacar inicialmente a dependência econômica gerada por este sistema, na medida em que a economia dos municípios encontra-se amplamente alicerçada sobre a produção do tabaco. Prova disso é que a participação do tabaco no Valor Bruto da Produção agrícola dos municípios do Vale do Rio Pardo é, em média, de 61,5% (GOMES, 2014, p. 17).

Essa dependência da fumicultura, deixa a região bastante exposta a toda e qualquer oscilação que esse mercado possa sofrer, pois a grande parte de desse fumo, cerca de 85%, é exportado a outros países. Além do que, as fortes campanhas antitabagistas no mundo vêm apontando para curto prazo uma redução de fumantes e de consumo de cigarros em escala mundial. Ou seja, essa demanda não tem uma tendência de ser crescente, num médio e longo prazo, o que coloca em cheque a matriz produtiva da região. Embora o Brasil seja um dos grandes da produção de tabaco no mundo, sendo uma atividade de relativo impacto econômico para o país e em especial para o RS e mais ainda para o Vale do Rio Pardo.

Na safra 2013/2014 foram exportadas 473 mil toneladas de tabaco, chegando a U\$ 2,453 bi. Em torno de 85% do tabaco produzido no Brasil é exportado, sendo 42% para a União Europeia, 28% para o Extremo Oriente, 10% para a América do Norte, 8% para o Leste Europeu, 6% para América Latina e 6% para África e Oriente Médio. Comercializando com 96 países do mundo. Isso faz do Brasil o 2º maior produtor de tabaco do mundo e o maior exportador desde 1993. O tabaco representou em 2014, 1,11% das exportações do Brasil e 10,2% das exportações do RS, que produz 52% de



todo tabaco brasileiro (SC 29% e PR 19%). Movimentando em 2014 cerca de R\$10,8 bi. (SINDITABACO, 2016).

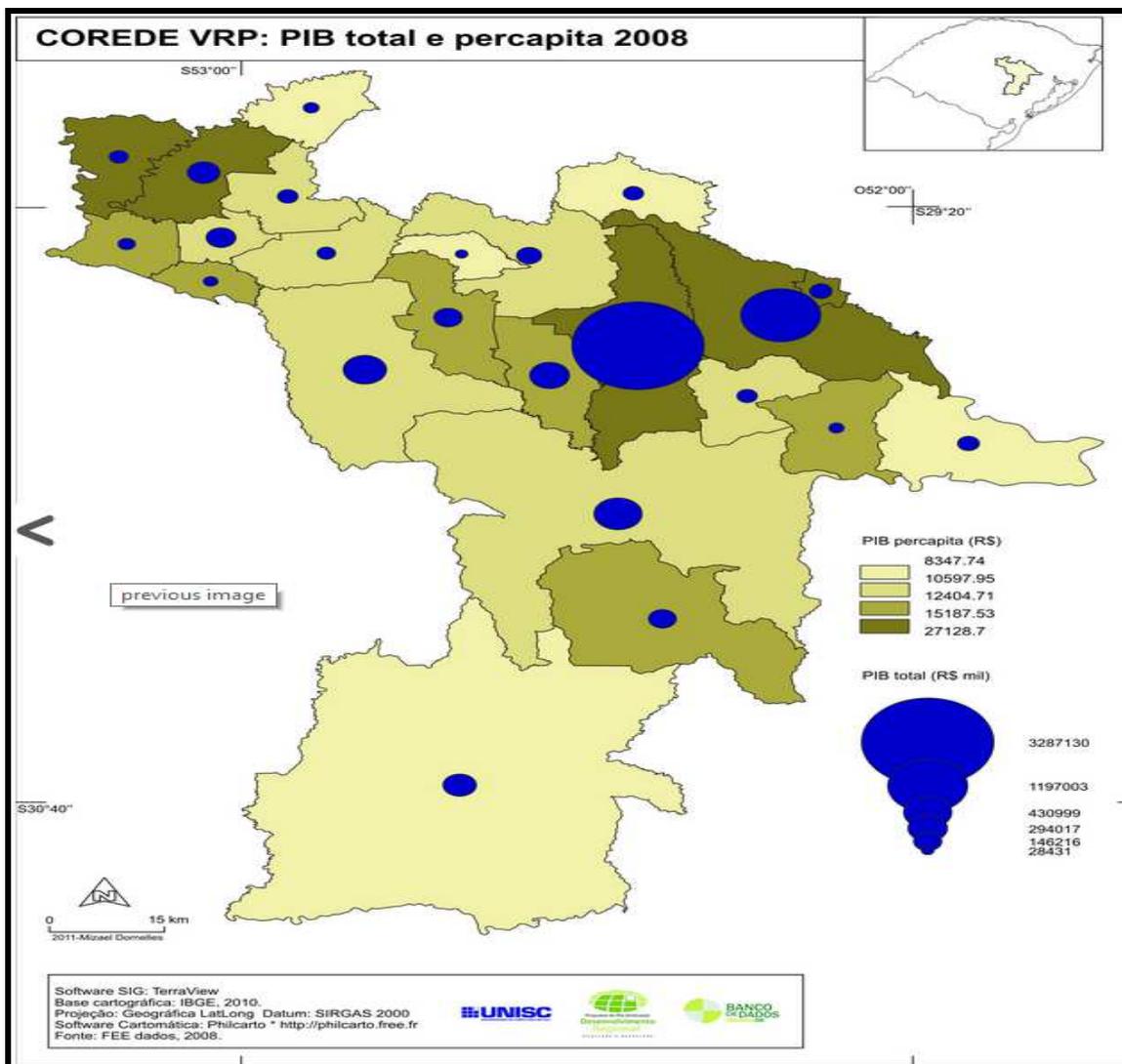
Porém, esse montante de dinheiro que circula na região, acaba se concentrando naqueles municípios que detém as indústrias do fumo, nesse caso, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, aumentando a disparidade econômica na região, portanto, concentra ainda mais o poder político e econômico desses municípios, devido aos empregos criados pelo setor, aumenta consideravelmente as demandas de serviços em geral, exige a instalação por perto desse complexo de empresas as indústrias subsidiárias, o que gera um distanciamento desse polo processador do tabaco em relação aos demais municípios que apenas produzem a matéria-prima. Pois quando vemos o PIB e/ou a renda per capita desses municípios da região, temos a impressão de haver numa região relativamente de poucos municípios, tamanha a disparidade e uma das explicações para essa discrepância é a concentração industrial e a relação entre quem processa a matéria-prima e quem apenas produz a mesma.

A comercialização desse produto (o tabaco) se realiza naqueles municípios que abrigam as indústrias de beneficiamento que são Vera Cruz, Venâncio Aires, Rio Pardo e, principalmente, Santa Cruz do Sul. O que resulta disso é que o retorno fiscal também se concentra nesses municípios, fato que o território da região evidencia claramente, fazendo com que alguns de seus municípios figurem entre os mais pobres do Estado, quando se trata de renda média por família. (ETGES, 2001, p. 360).

Conforme nos aponta a figura abaixo, onde fica evidenciado a concentração de fluxo de capitais, nos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, decorrentes da industrialização do tabaco. Já nos demais municípios, também e só produtores do fumo, esses capitais não avolumam suas economias, fazendo haver no Vale do Rio Pardo uma grande disparidade nesse quesito.



Figura -05 – Mapa do VRP levando em conta os PIBs total e Per Capita



Fonte: Observa-DR (2015).

Por isso é preciso construir uma nova mentalidade, romper com o paradigma do século XX da produção associada a grandes complexos transnacionais, como se fosse uma atividade de segurança ou até mesmo a única possibilidade de



desenvolvimento de uma região, pelo contrário, é na região e nos seus sujeitos que está a solução para nossas necessidades.

Não há dúvida de que não serão as mesmas políticas desenvolvimentistas de meados do século XX que promoverão o desenvolvimento do início do século XXI. Outras estratégias precisam ser construídas para dar conta de fenômenos diferentes, mas também é certo que o resgate da noção de desenvolvimento, com seu conteúdo de eliminação da pobreza e da desigualdade” (ARBIX e ZIBOVICIUS, 2001, p. 67).

Está justamente nessas pequenas “fissuras” o germe para uma mudança paradigmática a médio e longo prazo. Nessa preocupação atual a respeito do uso de agrotóxicos e à exposição da saúde dos/as agricultores/as, na possível recusa de muito de seus filhos/as a seguirem na propriedade se o tabaco permanecer como a principal cultura. Na instabilidade do preço pago pelo fumo ao final da safra, bem como o aumento do custo da produção, seja pelo valor dos insumos comprados, seja pela alta valorização da mão-de-obra externa, sobretudo para o período da colheita. É nessa esteira que vão aparecendo oportunidades de diversificação.

### **3 Em meio a tanto fumo, é criada a AAVRP**

Mesmo com a forte presença do setor fumageiro na região do Vale do Rio Pardo, nem tudo gira em torno do fumo e de sua indústria. Justamente, nessa região, tão demarcada pelo complexo fumageiro, que engloba além das empresas fumageiras, o complexo de indústrias de insumos, maquinários e de agrotóxicos, mobilizando todos os setores da economia, vai ser criado em 15 de Outubro de 2013, a Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo – AAVRP, num esforço coletivo entre várias entidades que trabalham na perspectiva da Agroecologia na região, por entender que é preciso buscar alternativas à dependência da região ao fumo e ao complexo fumageiro.

**Figura 6 – Imagens da reunião que criou a AAVRP**



Primeira reunião, em 15 de outubro de 2013, onde é criada a Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo- AAVRP



Fonte: Acervo da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul

Eis aí um elemento central da Agroecologia, a capacidade de emancipação das pessoas, em especial dos/as agricultores/as familiares, que coletiva e solidariamente podem buscar soluções para seus problemas, compreendendo que o seu saber histórico, construído ao longo dos séculos, de conhecimento da biodiversidade é valorizado numa perspectiva agroecológica, justamente porque essa biodiversidade que faz parte do cotidiano dos agricultores “é em essência, potencial de conhecimento, assemelhando-se a uma a uma grande biblioteca da vida”. (PERICO e RIBEIRO, 2005, p. 90).

Evidentemente que isso não quer dizer que não haja conflitos de interesses, nem que há uma convivência sem distanciamentos e discordâncias, porém, o exercício do debate e da organização em comum nos grupos de agricultores, cooperativas, associações, vai formando as pessoas nas suas interações e sobretudo a tomada de consciência de que a dependência do setor fumageiro, não é benéfica para a região como um todo, muito menos para os próprios agricultores familiares. Pois

temos um patrimônio de 40 anos de reflexões sobre os processos de estruturação dos espaços disputados entre agentes e sujeitos que forjam e transformam as estruturas, estratégias e campos e arenas de luta e de conflitualidade entre projetos sócio políticos distintos. (BRANDÃO, 2014, p. 19).



Assim, reuniram-se em torno da AAVRP, as seguintes entidades: CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor), UERGS (Universidade Estadual do RS), EFASC (Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul), EFASOL (Escola Família Agrícola de Vale do Sol), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), CPT (Comissão Pastoral da Terra), CEREST (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da região dos Vales), Associação dos Agricultores Ecológicos de Santa Cruz do Sul, CEDEJOR (Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural) e ECOVALE (Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas).

Figura 7 – As entidades que fizeram parte da histórica fundação da AAVRP



Fonte: elaborada pelos autores.

Vale destacar que antes da criação da AAVRP, na região do Vale do Rio Pardo, há um trabalho histórico na perspectiva da diversificação da agricultura



regional, que coloca em cheque a dependência da região em relação ao fumo e ao setor como um todo. E esse destaque vai à atuação pastoral da Igreja Católica, através da CPT, da Cáritas e do Centro Diocesano de Pastoral no Mundo do Trabalho. Entidades que vêm organizando desde a década de 1980 na região, o encontro de sementes crioulas, que já vai para sua 16ª edição em 2016, além de cursos sobre agricultura ecológica, também se destaca a organização dos seminários regional de Alternativa a Cultura do Fumo. Além da criação da Escola de Jovens Rurais (EJR), em 1992, proporcionando uma formação de qualificação para filhos (as) de agricultores familiares da região. Essas ações tinham na busca da perpetuação das sementes crioulas, espalhadas por centenas de experiências Brasil afora, pois, “a prática de conservação de sementes nativas em bancos comunitários foi introduzida pelas Comunidades eclesiais de Base (CEBs) nos anos 80.” (DUQUE, 2009, p. 310).

**Figura 8 – Algumas ações desenvolvidas pelas entidades ligadas a Igreja Católica**



Font

e: Acervo CPT.

Também vale destaque a presença do CAPA, entidade ligada a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), que aqui no Vale do Rio Pardo está presente desde 1980, trabalhando com a formação de grupos de agricultores familiares, que buscavam a diversificação das suas propriedades, como, a União



Serrana de Produtores Rurais no distrito de Trombudo, atualmente município de Vale do Sol/RS. Tem início em 1991 uma série de atividades e ações conjuntas entre CAPA, EMBRAPA, CPT e Cáritas, como por exemplo: Os Ensaios Nacionais do Milho Crioulo, no município de Ibarama, com a parceria da Embrapa, sendo uma ação motivadora para que Ibarama/RS, constituísse-se numa referência nacional em Sementes Crioulas. Além da criação do Grupo do Ensaio do Milho Crioulo, realizado em vale do Sol, em 1993. Já no ano de 2002, é criada a Cooperativa ECOVALE, de gestão dos agricultores, ela é pensada para ser um espaço em que os agricultores ecologistas organizados em seus grupos de produção, pudessem buscar construir juntos um espaço de comercialização de seus produtos.

Figura 9 – Atividades realizadas pelo CAPA.



Fonte: Acervo CAPA.

Assim, em 1996 é criado o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) em função da grande seca de 1995-96, diante de uma conjuntura de grande endividamento dos agricultores. Logo em seguida o MPA instalaria em Santa Cruz do Sul, seu centro de formação, o Centro de Formação São Francisco de Assis.



Em 2008 é criada a Associação Pré-Escolas Famílias Agrícolas (AGEFA), que seria e ainda é a mantenedora da primeira Escola Família Agrícola (EFA) do sul do Brasil, a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), que inicia seus trabalhos em 1º/03/2009, alugando as dependências do seminário São João Batista em Linha Santa Cruz. Ofertando o curso de técnico em agricultura para jovens filhos(as) de agricultores/as familiares do Vale do Rio Pardo, através da Pedagogia da Alternância. Nesses sete anos de EFASC, já foram 4 turmas formadas, 132 estudantes e seguem em formação mais 96 jovens, de 13 municípios da região.

Em 2012 é criada em Vale do Sol, a Associação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol, AEFASOL, formada por agricultores de Vale do Sol, que vai viabilizar a EFASOL. Em 2014 a Pedagogia da Alternância ganha um importante reforço, com a inauguração no dia 10/05/2014 da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL), com sede em linha Formosa, entra em atividade, para também atender jovens agricultores/as familiares, também em curso de Ensino Médio Técnico em Agricultura.

#### **4 As atividades da AAVRP**

Inicialmente a ideia de constituir a AAVRP era de criar um espaço para reunião e aproximação das entidades que trabalham com Agroecologia na região do Vale do Rio Pardo, para se trocar ideias, realizar atividades coletivas e sobretudo, criar uma agenda da agroecologia no VRP. Para isso, ficou definido entre as entidades que ocorreriam reuniões mensais, em espaços diferentes, ou seja, nas sedes das entidades e que nessas reuniões se definiria a agenda de atividades no decorrer do mês e se socializaria aquilo que cada entidade vinha fazendo.

Por isso é fundamental, que os sujeitos do território tenham inserção regional, pois esses necessitam “conhecer, em profundidade, a região em questão; identificar suas potencialidades e construir instrumentos de coesão social em torno de propósitos em comum à população envolvida” (ETGES, 2003, p. 68), para ser possível aproximar agendas e buscar possibilidades de consenso nas lutas que se apresentam. É o que vêm buscando as entidades que formam a AAVRP, em função da Agroecologia.



A Agroecologia propõe uma aproximação entre a agronomia e a ecologia, de modo que possamos entender melhor o funcionamento dos agrossistemas (...) que podem ser potencializados a partir das características de cada bioma e ecossistemas, tomando em conta elementos da cultura e os saberes locais que influem no estabelecimento e no manejo das agriculturas. (CAPORAL, 2009, p. 29).

Desta forma, nesses anos de existência da AAVRP, já foram realizadas diversas atividades, entre elas dois Seminários Regionais de Agroecologia, em agosto de 2014, na sede da EFASC e em 08 de julho de 2015, na sede do MPA. Também houve o Cine debate do documentário: “O veneno está na mesa II”, do cineasta Sílvio Tandler, em setembro de 2014, no auditório da Faculdade Dom Alberto, em Santa Cruz do Sul. E também em dezembro de 2014, um painel sobre o dia nacional de luta contra os agrotóxicos.

Realizou ainda em março de 2014, o I encontro de formação sobre certificação orgânica, na sede da EFASC. E também o Painel de Certificação Participativa de propriedades orgânicas na região do VRP, e, 08 de abril de 2015. Com participação de jovens no III ENA (encontro nacional de agroecologia), em Juazeiro, na Bahia, em maio de 2014.

Enfim, são atividades que vem mobilizando as entidades que trabalham com Agroecologia no Vale do Rio Pardo, em especial a juventude do Campo na região, aí tendo as EFAs um papel muito importante nessa construção, justamente por mobilizar os jovens do Campo. Portanto, a AAVRP precisa se consolidar de fato como uma articulação, justamente para catalisar ações, que envolvam todo esse conjunto de pessoas e entidades.

Justamente, pelo fato dessas entidades contarem com equipes reduzidas, é que se encontra a dificuldade de se encontrar e pensar atividades articuladas. Da mesma forma, verificamos ainda a pouca participação de agricultores/as familiares na AAVRP, ficando uma articulação protagonizada por técnicos e professores em geral, o que limita a qualidade de sua ação. Também verificamos uma dificuldade de criação de uma identidade por parte da AAVRP, sendo que muitas vezes a segmentação das entidades, acaba “invisibilizando” a articulação. Por isso, é preciso mais ações conjuntas e a construção de uma agenda para agroecologia no Vale do Rio Pardo.

Mas fica muito claro, o quanto uma articulação como essa, pode ser tornar “campo fértil” para pensarmos uma diversificação responsável e que tenha base



naquilo que os agricultores e suas entidades, pensam a respeito do desenvolvimento rural, numa região, tão marcada por uma dependência de uma cultura agrícola, como o Vale do Rio Pardo. De fato, a AAVRP.

## 5 Considerações finais

Assim, podemos entender que mesmo numa região tão marcada pela presença da fomicultura e de todo o complexo industrial que o acompanha, é possível traçar uma história de entidades e pessoas na contramão dessa hegemonia. E é justamente isso que esse trabalho tem por desafio, mostrar que é possível entidades que tem proximidade na compreensão de conceitos como diversificação da produção agrícola, Agroecologia, desenvolvimento rural sustentável e produção de alimentos saudáveis, se aproximarem e organizarem suas ações de forma conjunta, dando visibilidade a uma agenda e um debate regional, neste caso o da Agroecologia.

Por isso é muito importante “olhar para trás”, para buscarmos elementos que ajudem a (re)pensar o presente e nos permita projetar um futuro, a partir das ações que se pretende, justamente por entendermos que a resistência social só pode ser feita de forma coletiva e organizada, por isso a importância de terem se somados e ainda estarem se somando, universidade, escolas famílias agrícolas, instituições de assistência técnica, movimentos sociais, cooperativas, associações de agricultores, estudantes..., para dar conta da diversidade que temos no Campo do Vale do Rio Pardo, que permite a cada encontro uma rica possibilidade de troca de saberes, numa árdua tarefa que precisa compreender que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 39). E que, portanto, todos esses sujeitos são importantes nessa construção social. Porque como nos ensinou Freire, que

quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela. (FREIRE, 1987, p. 98-99).

Buscando assim alternativas de forma conjunta e articulada, fortalecendo a luta por uma agricultura e por uma sociedade mais justa e preocupada com a vida das pessoas. Para isso, a Agroecologia, é uma das possibilidades para essa construção.



## Referências

ARBIX, Glauco. ZIBOVICIUS, Mauro. Por uma estratégia de civilização. IN: ARBIX, Glauco, ZILBOVICIUS, Mauro e ABRAMOVAY, Ricardo. *Razões e ficções do desenvolvimento*. São Paulo: EDUSP/Editora UNESP. 2001.

\_\_\_\_\_. *Razões e ficções do desenvolvimento*. São Paulo: EDUSP/Editora UNESP. 2001.

BRANDÃO, Carlos. Crise do (s) capitalismo (s) e os espaços produzidos nas escalas mundial, nacional e regional. IN: ETGES, Virgínia Elisabeta. AREND, Silvio Cezar. *Crises do Capitalismo, Estado e Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2014.

CAPORAL, José Roberto. Agroecologia: Ciência para apoiar processos de transição para agriculturas sustentáveis. IN: *Revista da Formação por Alternância*. Ano 5, nº9 (Dez 2009). Brasília, UNEFAB, 2009.

DUQUE, Ghislaine. A Articulação do Semi-Árido Brasileiro: Camponeses unidos em rede para defender a convivência no Semi-Árido. IN: FERNANDES, Bernardo Mançano. MEDEIROS, Leonilde Severo de. PAULILO, Maria Ignez (Orgs.). *Lutas Camponesas contemporâneas: Condições, dilemas e conquistas. A diversidade das formas de lutas no Campo*. São Paulo. Editora da UNESP, Brasília DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Vol. II. 2009.

ETGES, Virgínia Elisabeta. A Região no contexto da globalização: O caso do Vale do Rio Pardo. IN: VOGT, Olgário Paulo. SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (orgs). *Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

ETGES, Virgínia Elisabeta. AREND, Silvio Cezar. *Crises do Capitalismo, Estado e Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2014.

ETGES, Virgínia Elisabeta. *O Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC*. Revista REDES, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, v.8, nº1, jan/abr. 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano. MEDEIROS, Leonilde Severo de. PAULILO, Maria Ignez (Orgs.). *Lutas Camponesas contemporâneas: Condições, dilemas e conquistas. A diversidade das formas de lutas no Campo*. São Paulo. Editora da UNESP, Brasília DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Vol. II. 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RS - FEE. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/Vale+do+Rio+Pardo>. Acesso em: 10 set. de 2016.



GOMES, Antonio Carlos. *A operacionalização do mercado institucional de alimentos no contexto do Vale do Rio Pardo: o caso da cooperativa Leoboqueirense de agricultores familiares* / Antonio Carlos Gomes. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2014. Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cidonea Machado Deponti.

KARNOPP, Erica. OLIVEIRA, Victor da Silva. *Agronegócio e agricultura familiar: reflexões sobre sistemas produtivos do espaço agrário brasileiro*. IN: REDES - Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 215 - 228, maio/ago 2012.

OBSERVATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL – ObservaDR 2015, da UNISC. Disponível em: <<http://observadr.org.br/portal/banco-de-dados-regionais/vale-do-rio-pardo>> Acesso em: 10 set. de 2016.

PERICO, Rafael Etcheverri. RIBERO, María Pilar. *Ruralidade, Territorialidade e Desenvolvimento Sustentável – Visão do território na América latina e Caribe*. Brasília: IICA, 2005.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO TABACO – SINDITABACO. Disponível em <<http://www.sinditabaco.com.br>> Acesso em: 10 set. de 2016.

VOGT, Olgário Paulo (org). *Cultura Colonial*. IN: VOGT, Olgário Paulo (org). *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VOGT, Olgário Paulo. SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (orgs). *Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.